

A Espécie Nova

Raimundo Mesquita*

Coisa curiosa. Cada vez que se publica em Orquidário a descrição de uma espécie, tida por nova pelos autores, chovem cartas, telefonemas, todos os meios de comunicação... E sempre, invariavelmente, para contestar a descoberta, a validade da descrição, nunca para confirmação.

Quando nos oferecem o reparo, mais das vezes agressivo, de que a nossa principal publicação deveria zelar pelo seu nome e pela sua respeitabilidade, só publicando descrições para que tenhamos a necessária confirmação, bem poderíamos colocar-nos na posição tranquila de responder, como está na notícia do Expediente da Revista, como, de resto, nas Leis, de Imprensa e de Direitos Autorais, que a responsabilidade, por textos assinados, é exclusiva dos autores.

Poderíamos, ainda, dizer que Orquidário é um foro aberto a todos que tenham alguma contribuição a dar para o desenvolvimento da orquidofilia brasileira, aumentando o conhecimento da nossa flora, inclusive pela incorporação de novas espécies.

Parece-nos, contudo, que o mais importante a dizer, é que nos recusamos a comportar-nos como censores e catões, postura que, raramente, e como todos sabem, levou a algum lugar na história do homem. Estivesse certo o Santo Ofício da Inquisição e jamais Galileu Galilei teria provado e demonstrado que a Terra é redonda e gira em torno do Sol. Desde que

os autores mereçam o respeito de que se tornaram credores e os seus trabalhos nos cheguem com o mínimo das qualidades que se pode exigir de um texto para publicação, encontrarão guarida aqui.

A história da ciência botânica não diverge, no seu desenvolvimento, de qualquer outro ramo da ciência, é a história dos erros e acertos, do debate, da polêmica construtiva, tudo que faz o conhecimento avançar. Lembrem, por exemplo, da *Cattleya eldorado*, que, como bem recordou Waldemar Scheliga (Orquidário, Vol.3, nº3, pags.5/6), já foi *Cattleya tricolor-pilochila* Bar. Rodr., *C. mc-morlandii*, *C. virginalis*, *C. quadricolor*, etc., etc. A história da Taxonomia vegetal está cheia de exemplos dessas mudanças que não retiram o mérito de quem descreveu uma espécie, pelo fato de, depois, ser esta incluída num outro gênero, ou tratada como outra espécie. Situação exemplar é a do gênero *Oncidium* que foi descrito por Olaf Swartz, em 1800, a partir do *Oncidium variegatum*, que, hoje, nem mais é considerado *Oncidium*, já que foi incluído num novo gênero, *Tolumnia*.

É preciso considerar, por outro ângulo, que o trabalho dos taxonomistas brasileiros é quase artesanal e, por pouco, não seria amadorístico, em razão de, pelo menos ao que parece, não dispor de meios, nem estar integrado na pesquisa acadêmica, que incorpora ao conhecimento técnico os mais recentes avanços da ciência.

A Botânica parece ser, no Brasil,

considerada ciência "menor" e, onde e quando merece maior apreço é quando se volta para a pesquisa dirigida aos vegetais "úteis", assim entendidos aqueles de significado econômico para o país, ou para melhoria do padrão de alimentos.

Nas descrições feitas não se vê, pelo menos aparentemente, a incorporação de outros dados de confirmação possibilitados por outras disciplinas afins, Anatomia, Citologia, Genética e Engenharia genética, Biologia, que têm permitido um grau maior de certeza na superação das dificuldades inerentes à descrição, quando baseada, unicamente, em caracteres morfológicos:

"Tais dificuldades foram, recentemente, superadas com o uso de marcadores genéticos, tais como padrões dos anéis de cromossomos, variantes eletroforéticas das alozimas, extensão do polimorfismo de fragmentos do DNA ou RN, pela restrição de enzimas, sequenciamento de DNA, etc." (W. Rossi, Paola Arduino, Rosella Cianchi e Luciano Bullini, in "A new natural Hybrid in the genus *Orchis* L: Genetic Data and Description" - *Lindleyana* 7(3): 121/6, 1992).

"Com o advento e evolução de técnicas moleculares para a análise da filogenia da orquídea, muitos acreditam que o valor de outras abordagens para os estudos sistemáticos, tais como a morfologia floral, citologia e anatomia vegetal teriam sido relegadas a um plano de importância secundária." (Comunicação de Alec M. Pridgeon, sob o título " Systematic anatomy of Orchidaceae: resource or anachronism?", proferida na 14th World Orchid Conference, Glasgow, abril/maio de 1993).

Neste quadro temos que incluir, ainda, um outro aspeto, que é uma particularidade da orquidofilia: a permanente tentação do "cientificismo". Para identificar este pequeno pecado de todos nós, orquidófilos, basta lembrar que nenhum de nós conhece uma orquídea pelo nome popular que, eventualmente, tenha. Nenhum de nós, por exemplo, trata um *Cyrtopodium* como Sumaré, mas temos que dar o nome botânico, gênero e, mais ainda, temos que ir à espécie, ao **epíteto específico**... Depois de tudo, a longa convivência com essas maravilhosas plantas, aliada à necessidade de conhece-las mais acuradamente para melhor cultivá-las, acaba nos levando a investir nos livros e revistas de botânica, taxonomia, ecologia, genética, etc., etc... Pronto, o orquidófilo muda de estado, passa a **orquidólogo**, a gastar "ciência" e sai em busca do Santo Graal, que, na orquidofilia, é a glória de associar o seu nome a um gênero ou espécie novos.

Depois de tantos anos de convívio, achamos que sabemos tudo sobre esta **família** e não podemos, com humildade, admitir que não tenhamos conhecimento



Oncidium chapadense P. Castro & Campacci.
Contestado

suficiente (extensivo, pelo menos) para não reconhecer uma planta e quando nós deparamos com alguma que nunca vimos, vem a tentação: *sp. nov.*

Paradoxalmente, por outro lado, somos uns conservadores. Temos muita dificuldade de aceitar que se transfira de gênero aquela *Encyclia fragrans* tão nossa conhecida, passando a trata-la, here-ticamente, de *Anacheilum fragrans*. É tanto maior a nossa dificuldade se essa nova classificação, ou, mesmo, como é o mais



Maxillaria schunckeana Campacci & Kaustky.
Contestada

comum, a descrição de uma nova espécie não foi feita por nós, e, ainda pior, se foi feita por um nosso desafeto, que cometeu o mais terrível dos pecados, topou com um espécime desconhecido e, concluindo que ele ainda não estava identificado, descreveu-o, imortalizando, assim, o seu nome, para constar nos anais científicos, nos herbários, ao lado do nome dado a mais um daqueles dons especiais da natureza...

É de ver que a contestação, mais das vezes, não é movida por rigor científico, ou, mesmo, no interesse da ciência, mas por sentimentos menores e, isto, não se pode, em sã consciência, aceitar. A contestação, a polêmica, são posturas corretas, desde que

bem intencionadas e fundamentadas. A ciência, o conhecimento, a cultura, a inteligência avançam no debate, na polêmica, na negação, na contestação, desde que feitos com seriedade e contraposição de argumentos, provas e contraprovas. Para nós, não basta alguém nos escrever ou telefonar (sempre pedindo reserva e confiança...), usando o argumento, "ad terrorem", de que precisamos zelar pela respeitabilidade de Orquidário, para que uma espécie nova, descrita, deixe de ser nova. Não basta, como se fossem senhores da verdade, afirmar, mas parece-nos minimamente indispensável desenvolver um raciocínio lógico-científico e autorizar que publicemos a sua contestação, permitindo que todos, inclusive o autor, conheçam a objeção e os seus fundamentos, ficando, nós, informados e o taxonomista tendo a oportunidade de rever ou rediscutir o assunto, reafirmando ou não a sua posição.

Isto é que é seriedade, isto é que respeitabilidade e Orquidário orgulha-se desta postura. Suas páginas estão abertas a todos para afirmar, ou para negar e rebater. Para sentimentos menores, não! De que adianta, para o progresso científico que alguém me telefone ou escreva, apenas para dizer-me que é um erro, ou fraude a descrição, que publicamos, de uma planta que o autor considerou ainda não classificada e descrita e que aquela planta é tal ou qual? De nada, rigorosamente de nada...

* Rua Dona Mariana, 73/902
22280-020 - Botafogo,
Rio de Janeiro, RJ.